

Idas e voltas da “Igreja em saída”

O pedido de perdão do Papa Francisco aos povos indígenas por pecados cometidos, em nome de Deus, durante o regime colonial, está em contradição com a canonização de frei Junípero Serra, missionário daquela época.

Pedido de perdão na Bolívia

Em seu discurso aos movimentos populares, no Equador, dia 9 de julho/2015, o Papa Francisco pediu perdão aos povos indígenas pelos “muitos e graves pecados contra os povos nativos da América, em nome de Deus”. O papa pede “humildemente perdão, não só para as ofensas da própria Igreja, mas também para os crimes contra os povos nativos durante a chamada conquista da América” (cf. sítio do Vaticano, 09.07/2015, n. 3.2.).

Ao pedido de perdão segue, como é costume em documentos que passaram pela “revisão” curial, um “porém” sobre a graça que superabundou na desgraça da conquista, um autoelogio eclesial sobre “tantos bispos, sacerdotes e leigos que pregaram e pregam a boa nova de Jesus com coragem e mansidão”. Estes arautos da evangelização, segundo o mesmo discurso de Francisco, “deixaram impressionantes obras de promoção humana e de amor, pondo-se muitas vezes ao lado dos povos indígenas ou acompanhando os próprios movimentos populares mesmo até ao martírio”, não sem lembrar que “a nossa fé é revolucionária, porque a nossa fé desafia a tirania do ídolo dinheiro”.

Há um descompasso entre o “pedido de perdão” pelos pecados contra os povos nativos da América e a “autorreferencialidade” de “impressionantes obras de promoção humana” que fizeram os índios trabalhar no regime da encomenda colonial. Há outro descompasso entre posturas da teologia e pastoral da libertação do século XX que, na contramão da teologia hegemônica pós-conciliar, acompanharam os povos indígenas e “movimentos populares mesmo até ao martírio” e as pastorais que procuravam integrar os povos indígenas e populares nos sistemas colonial, mercantilista e capitalista.

Percebe-se que o papa permitiu enxertos ideológicos em seu discurso que o enfraqueceram profundamente. A teologia colonial considerou os índios não como sujeitos de culturas, mas como objetos da natureza e por isso os chamou de “*los naturales*”. O dominicano Bartolomé de las Casas documentou as crueldades genocidas da conquista. Sua luta contra a exploração da força de trabalho dos índios e a de Antonio Montesinos, foram lutas solitárias como as

lutas de Oscar Romero, Leonidas Proaño, Samuel Ruiz e Tomás Balduino foram solitárias.¹

Canonização de Junípero nos Estados Unidos

Ao pedido de perdão, do dia 9 de julho/2015 na Bolívia, acompanhado pelo aplauso dos índios presentes no evento, segue, sob o protesto de muitos indígenas dos Estados Unidos e do México, a canonização de Frei Junípero Serra (1713-1784), no dia 23 de setembro em Washington.

Quem era o franciscano Junípero (1713-1784) e a quem serve sua canonização? Filho de pequenos agricultores, nasceu em Petra, na ilha Maiorca. Tornou-se franciscano e chegou a lecionar teologia na Universidade de Palma. Em 1749, Junípero chega com 20 frades no Vice-Reino da Nova Espanha (México). Depois da expulsão dos jesuítas da Nova Espanha (1767/68) por Carlos III, os franciscanos assumem, sob a responsabilidade de Junípero Serra, o cuidado dos indígenas na península Baixa Califórnia, que na época ainda pertencia ao império da Espanha. Os frades percorreram os vastos territórios de presença indígena, ergueram capelas e cabanas, convidaram os índios para morarem perto para poder ensiná-los catequese e fixá-los à terra através de noções de agricultura e pecuária. Os confrades de Junípero se tornam fundadores de uma vasta rede de missões nas quais os índios, progressivamente, passaram de donos da terra para inquilinos das missões onde foram submetidos a trabalhos forçados. Quem fugiu dessas missões, foi trazido de volta por soldados e castigado.

Quando os índios falam hoje daquele tempo, relatam “atrocidades”, “etnocídios” e “mitologias das missões”, criadas pelos não indígenas da elite católica e política regional, que propulsionou a canonização de Junípero Serra. Andrew Galvan, historiador indígena e curador da “Missão Dolores”, fundada por Junípero em 1776, pergunta: “Se eu sei o que aconteceu com os meus antepassados, como posso ser devoto de Junípero Serra?” E Galvan cita uma carta “na qual o frei Serra ordenava chicotadas para os índios desobedientes”.²

¹ LAS CASAS, Frei Bartolomé de, *Brevíssima relação da destruição das Índias: O paraíso destruído*, Porto Alegre, L&PM, 1984. Cf. SUESS, Paulo (org.), *Conquista espiritual da América Espanhola: 200 documentos – Século XVI*, Petrópolis, Vozes, 1992.

² “Índios dos EUA levantam dúvidas sobre a santidade de Junípero Serra”, reportagem de Carol Pogash (*The New York Times*, 21/01/2015), republicado em IHU, Notícias, 23/01/2015. Cf. tb. a entrevista de

Desde que o Papa Bento XVI, por ocasião da beatificação de João Paulo II, esclareceu que a pessoa beatificada ou canonizada necessita ter vivido apenas uma virtude heroicamente, não precisamos discutir a santidade de Junípero que, certamente, mais de uma virtude viveu com o heroísmo da época. O que precisa ser discutido é a oportunidade de sua canonização. Muitos dos “Santos Padres”, por exemplo Agostinho e Ambrósio, hoje, seguramente, não seriam mais canonizados porque seus sermões e atitudes antijudaicas seriam considerados não só politicamente incorretos, mas pérfidos e até criminosos. A pergunta correta no contexto da canonização de Junípero é: *Cui bono* (a quem beneficia) hoje? Será que um Santo Junípero vai fortalecer as lutas dos povos indígenas ou vai legitimar o paternalismo e autoritarismo dos seus tutores e enfraquecer suas lutas pelo reconhecimento de seus direitos, de suas culturas e autodeterminação? A “Igreja em saída” não sobreviverá nos passos de um tango: “Dois pra lá e dois pra cá”. Pode acontecer que, ainda em vida de Francisco, os novos horizontes de uma Igreja em saída são apagados pelas neblinas da herança colonial.

Paulo Suess

Thomas Reese com Roberto Senkewicz “Junípero Serra, santo ou não?”, in: *National Catholic Reporter* (15/05/2015), republicado por IHU, Notícias, 28/05/2015.